



O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

CEIFEIROS E CEIFEIRAS! ORGANIZEMOS A LUTA POR MELHORES JORNAS E TRABALHO GARANTIDO PARA TODOS!

ANTES, era nas ceifas que os operários agrícolas forravam algum dinheiro para pagarem as dívidas, comprar roupas e calçado e ainda guardavam algum para os meses mais difíceis. Hoje, com a mecanização da agricultura, a situação é totalmente diferente. Antes, havia trabalho para todos. Agora, os agrários em vez de meterem pessoal, metem máquinas.

Hoje, nós, ceifeiros, não podemos encarar o problema das ceifas mesmo modo como o víamos há anos. Não podemos ficar simplesmente limitados às praças de jornadas e às Casas do Povo a reivindicar melhores jornadas, porque os agrários não irão lá falar-nos. Eles têm as máquinas que lhes fazem a ceifa. Há no Alentejo, muitas centenas de máquinas, e os agrários não as têm só para amostra. Por isso, temos que nos organizar para formas superiores de luta.

ORGANIZAÇÃO, A UNIDADE E A LUTA SÃO A GARANTIA DA VITÓRIA

A nossa situação económica é cada vez mais difícil. Sentimo-nos cada vez mais esmagados pelo desemprego, pela miséria e pela exploração.

Vamos entrar nas ceifas, depois de um longo período de desemprego e de miséria. Não podemos aceitar a situação de fome e de exploração imposta pelos agrários, que têm o apoio do governo fascista de Salazar. Temos de vencer esta situação. Só há um meio para o conseguir: — A ORGANIZAÇÃO, A UNIDADE E A ACCÇÃO.

É necessário que em todas as localidades, os ceifeiros, homens e mulheres, realizem reuniões, grandes e pequenas, para discutir e assentar as condições a exigir na ceifa.

É necessário que as reuniões se

façam não só à base de uma terra, mas também à base dum conjunto de localidades vizinhas.

É necessário que se formem COMISSÕES DE UNIDADE em cada localidade e à base dum conjunto de terras com vista a forjar a UNIDADE, não só numa terra mas à base duma região.

É necessário que as COMISSÕES reúnem regularmente para discutir os problemas dos trabalhadores e tomar medidas concretas. As Comissões por terra, por região e por província devem ser os organismos dirigentes da acção dos trabalhadores.

QUE AS MÁQUINAS NÃO TRABALHEM ENQUANTO HOUVER BRAÇOS PARADOS!

A luta por trabalho garantido durante toda a ceifa e mesmo por contratos de trabalho para toda a ceifa, a luta contra a exploração e a miséria, a luta por melhores salários e melhores condições de trabalho, tem que passar para formas superiores. Não devemos consentir que as máquinas andem a ceifar, e nós, cheios de dívidas e miséria, parados. Agarremos nas foices, façamos parar as máquinas, comecemos a ceifar e exijamos o pagamento do nosso trabalho.

Concentremo-nos, homens e mulheres, com os nossos filhos nas Casas do Povo, nas praças de jornada, e exijamos trabalho para todos e jornadas mais elevadas. Não esqueçamos que as empreitadas nos são prejudiciais, dividindo-nos e sujeitando-nos a uma maior exploração.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

Não percamos tempo. Lancemo-nos desde já na realização de reuniões de trabalhadores por localidade e por região; formemos COMISSÕES DE UNIDADE; estabeleçamos uma larga unidade entre todos os ceifeiros. Façamos uni-

AMNISTIA! AMNISTIA!

As vidas dos patriotas PIRES JORGE, OCTÁVIO PATO, AMÉRICO DE SOUSA, CARLOS COSTA, presos em Dezembro passado, do MANUEL R. DA SILVA, preso há 21 anos, MANUEL GUDES, preso há 14 anos, CÂNDIDA VENTURA e tantos outros, correm sérios perigos nas mãos dos carrascos de PIDE!

Cabe aos trabalhadores e ao povo a defesa das suas vidas!

Intensifiquemos a luta contra a repressão. Do Cange, foram enviadas 70 cartas ao P. da República, protestando contra a repressão, exigindo amnistia e o castigo aos assassinos de José Dias Coelho. Em Mora, Montargil, Pias, Grândola, Aljustrel, etc., têm sido feitas muitas inscrições, cartazes afixados à beira das estradas e nas paredes, protestando contra a repressão e exigindo castigo aos assassinos de Dias Coelho. Intensifiquemos estas e outras acções. Escrevamos nas paredes e nas estradas: **ABAIJO A REPRESSÃO! FORA SALAZAR! AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!**

QUAL É O VERDADEIRO PROBLEMA?

OS deputados fascistas discutiram na Ass. Nacional a lei do emparcelamento da pequena propriedade rústica. Com esta lei o fascismo o que pretende é distrair as atenções do verdadeiro problema existente que é o da grande propriedade latifundiária e as suas consequências nefastas. Sobre isto, nem uma só palavra.

O problema da propriedade agrária em Portugal, e a sua solução não é o do emparcelamento; é o do latifúndio e da sua divisão e distribuição pelos camponeses. O que o país e as massas camponesas precisam é da Reforma Agrária. Só a Reforma Agrária permitirá o aumento de produtividade da terra e a elevação do nível de vida das massas camponesas, e o consequente alargamento do mercado para a indústria nacional. A Reforma Agrária é o primeiro elo de uma cadeia de factores que, postos em movimento, nos permitirão progredir.

A existência da grande propriedade latifundiária, e mais ainda o seu predomínio na política nacional, é pelo contrário a razão mais poderosa da miséria das massas camponesas e do atraso do país.

Só a Reforma Agrária libertará as massas camponesas da exploração de que são vítimas, pondo a terra nas mãos de quem a trabalha. O que faz que as rendas sejam de «levar coiro e cabelo» é a terra pertencer a quem a não cultiva. É por isso que em cada ano milhões de contos passam em forma de renda, das mãos do sector dos camponeses para as mãos dos parasitas dos senhores da terra só porque estes têm o título de donos. Se a terra fosse de quem a trabalha como é justo que seja, esses milhões de contos ficariam na posse dos próprios camponeses, em forma de lucros, de melhores salários, etc., os quais passariam a viver melhor e poderiam adquirir os meios para melhorarem a técnica da sua cultura.

A existência da grande propriedade latifundiária, de um lado, e centenas de milhares de camponeses que não têm um palmo de terra do outro lado, é o grande e verdadeiro problema que é preciso resolver.

A Reforma Agrária, nos seus vários aspectos: divisão dos latifúndios e entrega da terra aos camponeses que não a têm ou têm pouca; ajuda técnica e financeira por per-

(continua na 2.ª pag.)

CATARINA EUFÉMIA

No dia 19 de Maio de 1954, CATARINA EUFÉMIA, foi cobardemente assassinada, com uma rajada de metralhadora, disparada pelo criminoso tenete Carrajola da G.N.R.. Este criminoso continua impune. Mas não vem longe o dia em que os trabalhadores lhe pedirão contas deste vil crime.

CATARINA EUFÉMIA já mais será esquecida pelos trabalhadores e pelo nosso povo. Esta heroi-

na caiu, varada pelas balas dos verdugos, lutando corajosa e heróicamente em defesa dos interesses da nossa classe. Que no aniversário do seu assassinato, os trabalhadores, homens e mulheres, nos ranchos, nas localidades e em casa, prestem um minuto de silêncio à memória de CATARINA EUFÉMIA; que em todo o mês de Maio, e especialmente no dia 19, o povo de Baleizão vá em massa colocar flores na sua sepultura.

AS NOSSAS LUTAS

ARROZAIS

GRÂNDOLA—Os trabalhadores combinaram lutar por 30\$00 para os homens e 25\$00 para as mulheres e as 8 horas. No dia seguinte apareceram os capatazes a falar-lhes. Os trabalhadores responderam que não iam por menos. Os agrários comunicaram à Câmara que os operários agrícolas estavam em greve. Fizeram uma reunião no Grémio que durou até às duas da manhã. Apareceu um capataz à reunião mas os agrários não o consentiram lá. Dias depois apareceu a Pide.

No dia 11-5-62 realizou-se uma reunião para discutir as jornadas para os arrozais. À tarde apareceram os capatazes, mas os trabalhadores Unidos exigiram 30 e 25\$00 e as 8 horas. Travou-se discussão. A PSP interveio, pois os trabalhadores desmascararam a manobra dos capatazes e estavam dispostos a agredi-los.

ERMIDAS—Cerca de 30 trabalhadores homens e mulheres reuniram e criaram uma comissão e combina-

ram lutar por 30 e 25\$00 e 8 horas.

A. DO SAL—Os trabalhadores têm feito reuniões e criaram uma comissão, assentaram lutar por 30, 25\$00 e 8 horas.

St. CATARINA—Os trabalhadores lutam pela mesma jornada dos seus companheiros de A. do Sal, recusando-se a trabalhar por menos.

Na herdade de Val-Verde (propriedade do Estado) 200 trabalhadores concentraram-se e afirmaram aos capatazes que não trabalhavam por menos de 30, 25\$00 e 8 horas. Apareceu uma força da G.N.R. com Jeeps e a pé, os trabalhadores não se intimidaram e continuaram firmes a lutar pelas suas justas reivindicações.

SINES—Na herdade de St.ª Comba, um rancho de trabalhadores exigiu 30\$00 e venceu. Numa outra herdade próxima, outro rancho exigiu 30\$00, o patronato recusou e despediu alguns. Os trabalhadores unidos consideraram-se todos despedidos e quando o agrário foi pagar aos despedidos, todos exigi-

(continua na 2.ª pag.)

AMIGOS E LEITORES!

Auxiliai com mais regularidade o nosso jornal. Sem um maior auxílio financeiro, «O CAMPONÊS» não poderá cumprir com êxito a sua missão de esclarecedora, de organizadora e de orientadora das lutas dos trabalhadores agrícolas e de todos aqueles que trabalham a terra.

«O CAMPONÊS» é um companheiro de vanguarda na luta pela defesa dos nossos direitos e interesses. É necessário que o nosso jornal apareça junto de nós regularmente.

O auxílio de 5\$00, 10\$00, de meio dia ou de um dia de trabalho e outras iniciativas devem ser tomadas como formas práticas para intensificarmos a ajuda financeira ao «O CAMPONÊS».

VAMOS LÁ CONVERSAR, Ó ZÉ!



—A té que enfim Toino, lá consegui pôr-te os olhos em cima. Não há quem te veja. Há muito que desejava falar contigo sobre essa maldita guerra de Angola.

—Não deixas de ter razão, Zé. Não tenho estado na terra. E regresssei porque as obras da construção civil estão praticamente todas paradas. Há milhares de trabalhadores desempregados. Mas já que nos encontramos, vamos lá falar um pouco. Conta então o que tens para me dizer.

—Vou-te contar, Toino, alguns crimes que o exército português está a praticar contra os patriotas angolanos. É da gente ficar horrorizada. O exército está a praticar crimes idênticos aos dos nazis-fascistas. Salazar e os seus monopólios, ajudados pelos seus comparsas da NATO, surdos e cegos às aspirações dos povos e às mudanças radicais operadas no mundo, desencadearam uma criminosa guerra contra o valente povo angolano que luta heróicamente pela sua Independência. Mais de 60 mil angolanos já foram mortos pelos colonialistas. Nota bem, Toino: os salazaristas, ansiosos por manterem o seu odioso domínio sobre os povos coloniais, recorrem aos mais bárbaros crimes. Por exemplo: incendiavam as aldeias com bombas «Napalm»; cortam as cabeças aos negros e depois andam com elas espetadas em paus e nas baionetas! Enchem casas de negros e depois lançam-lhes fogo! Metem os patriotas nos aviões e depois lançam-nos para o solo! Enterram-nos em vida ou enterram-nos até ao pescoço e depois passam-lhes com um trator por cima, esmagando-lhes as cabeças! Escuta mais, Toino: os colonialistas cortam o sexo aos negros! Espetam paus e ferros no sexo das negras! Cortam o nariz, os peitos, as orelhas, os braços, as pernas às pessoas! Há oficiais que praticam este crime a láia de brincadeira: fazem uma roda de soldados armados e metem lá dentro uns tantos patriotas com catanas. Diz o oficial: «preto, corta um braço ao teu irmão! Agora, uma perna! Agora a cabeça!» Continua o oficial: «preto, corta a... (o oficial emprega um palavrão) ao teu irmão! Agora come-a!» Além destes monstruosos crimes praticam muitos outros idênticos. A guerra de Angola é um crime contra a humanidade, a que é necessário pôr fim quanto antes.

—Ó Zé, há muita gente que desconhece estes crimes terríveis. —Evidentemente Toino, os fascistas fazem uma propaganda intensa e venenosa para enganar o nosso povo e esconder os seus crimes. Devemos fazer tudo para desmascarar o que os salazaristas estão a fazer nas Colónias. Os trabalhadores, as mulheres e todo o nosso povo têm uma grandiosa tarefa pela sua frente — ORGANIZAR A LUTA CONTRA A GUERRA COLONIAL. Devemos esclarecer e organizar os nossos filhos, os filhos dos explorados, aqueles que correm o perigo de serem arrastados para a guerra colonial, para que se recusem em massa e com decisão a partirem para matarem filhos, pais, noivos e noivas, a destruir vilas e aldeias, etc, etc, ao serviço de Salazar e da mais negra reacção. Que os soldados dentro dos quartéis gritem bem alto: NAO VAMOS PARA A GUERRA! SOMOS PELA INDEPENDÊNCIA DAS COLÓNIAS! SOMOS PELA AMIZADE COM OS POVOS DAS COLÓNIAS!

—Bem visto, Zé, mas ainda há gente que diz que as colónias fazem falta ao país.

—Exactamente Toino, essa é a teoria de Salazar e dos colonialistas, como: os donos do Banco de Angola, do Banco Ultramarino, da CUF, dos Diamantes de Angola, dos grandes roceiros e cafezeiros e de outros exploradores. Não é pelo facto de Portugal dominar e explorar imensos territórios em África que o nosso povo deixa de ter um nível de vida muito baixo e que o país deixa de ser industrialmente atrasado. As Colónias fazem falta, sim, aos colonialistas exploradores como fonte de riquezas e de mão de obra barata, como fonte de enriquecimento; fazem falta aos imperialistas nos seus planos de guerra contra os países do socialismo e amantes da Paz.

—Zé, só apenas mais uma pergunta: Salazar poderá por muito tempo impor a guerra ao povo angolano?

—Não, Toino. Os salazaristas serão inevitavelmente corridos das colónias num prazo de tempo relativamente curto. A libertação de GOA, DAMÃO e DIU é uma prova concludente. A ira sangüinária de Salazar não conseguirá deter a marcha dos acontecimentos. Para que a guerra colonial acabe mais depressa é necessário que o Povo Português intensifique a sua luta pelo derrubamento do fascismo. O povo da cidade do Porto, os estudantes de Lisboa, de Coimbra e do Porto apontam o caminho com a sua grandiosa luta.

—Gostei de te ouvir Zé. Vou trabalhar contra a guerra de Angola para impedir tão horrorosos crimes.

—Então adeus Toino, até breve.

FALA UM TIRADOR DE CORTIÇA

Camaradas! Aproximam-se as tiradas de cortiça. Alguns anos atrás, as jornas neste trabalho, eram de 50 e 35\$00. De então para cá, o custo de vida subiu assustadoramente. Por outro lado, os agrários, vendem a cortiça, hoje, por maiores preços.

Os agrários ainda não têm máquinas para tirar a cortiça dos sobreiros. Precisam dos nossos braços para este trabalho. A cortiça não pode esperar. Ela tem que ser tirada no período que lhe pertence. Companheiros! Organizemos desde já a nossa luta por 50\$00 e

8 horas para as tiradas de cortiça. Sigamos o exemplo dos nossos companheiros de Grândola e S. Margarida, que o ano passado conseguiram 8 horas e jornas mais elevadas. Para isso, é necessário que discutamos, que reunamos e combinemos as jornas e condições, pelas quais, devemos lutar em cada localidade. Formemos as nossas COMISSÕES DE UNIDADE em cada terra. Estabeleçamos unidade com os trabalhadores das povoações vizinhas!

Avante por 50\$00 e 8 horas para as tiradas de cortiça!

QUAL É O PROBLEMA?

(continuação da 1.ª pag.)

te do estado; garantia dos preços (lutas e venda assegurada dos produtos; apoio franco e decidido às

cooperativas que os próprios agricultores entendessem do seu interesse criar, para compra de máquinas e produtos, e venda de colheitas, etc., eis a solução do problema agrário e agrícola português.

PALAVRAS INSUSPEITAS

Com frequência o governo de Salazar pretende convencer os próprios portugueses de que são felizes e vivem bem. Mostrando a sua peculiar falta de escrúpulos, fala da miséria dos povos de outros países como se em Portugal não houvesse miséria e atraso. Pois bem. Aqui está o que disse na Assembleia Nacional o fascista, senhor deputado, Teles Grilo, falando sobre

a lei de emparcelamento: «... a propriedade rústica encontra-se muito dividida e dispersa e, em regra geral, é cultivada à base de processos anacrónicos; e os 70% da sua população activa, que directa ou indirectamente se dedica à agricultura, vive por vezes em condições chocantes de dignidade humana. Em grande número de casos essa pobre gente não dispõe de estradas, nem de água potável, nem de electricidade, nem de telefone, nem de assistência médica ou social, nem de ensino. Demais, e para além do próprio teor deficitário da alimentação, é confrangedor o primitivismo da sua habitação, quase sempre acanhado e desprevida das mais elementares condições de higiene e conforto, e onde se vive amontuado, em degradante promiscuidade de pessoas e animais com todas as inevitáveis consequências para a saúde física, mental e moral das respectivas populações».

A miséria e o atraso do nosso povo são a obra dos fascistas. Sem o domínio do salazarismo há 35 anos, o povo português viveria muito melhor e não haveria tanto atraso nas massas dos nossos campos. Um governo democrático, es-

colhido pelo povo em eleições livres, já teria feito a Reforma Agrária, porque é disso que o país e as massas camponesas precisam. Em vez de se ocuparem do emparcelamento, para distrair as atenções, — o que é preciso é acabar com os latifúndios e entregar a terra aos camponeses que a não têm ou têm pouca. É este o verdadeiro problema da terra em Portugal.

Os fascistas querem o emparcelamento da pequena propriedade porque pensam que, assim, poderão criar um sector de pequenos proprietários mais conservadores que lhes permita, a eles fascistas, defender o latifúndio. Bem sabem eles que o emparcelamento não favorecerá, antes agravará a vida dos pequenos proprietários.

Teles Grilo diz uma parte da verdade, mas não diz toda. Não devemos esquecer que é um deputado fascista interessado em aliviar as culpas do regime de Salazar, que é de facto o responsável por toda a miséria do nosso povo.

ESCUTA I RÁDIO PORTUGAL LIVRE!

Emissora Portuguesa ao serviço do Povo, da Democracia e da Independência Nacional.

Emissões das 15,10 às 15,40 nas ondas de 25, 31 e 32 metros, e das 22,15 às 22,45 em 31 metros.

Divulga as suas notícias. Mandai para «Rádio Portugal Livre», através de «O Camponês», sugestões, críticas, informações e as aspirações das massas camponesas.

AS NOSSAS LUTAS

(continuação da 1.ª pag.)

MONDAS

râm o dinheiro. Ante a firmeza e a Unidade dos trabalhadores, o patronato recuou e deu os 30\$00.

MELIDES—(Grândola) Devido à sua luta um rancho conquistou 30\$00 os homens, e 25\$00 as mulheres, com as 8 horas.

NO TRABALHO DAS ESTRADAS

Entre S. Tiago e S. Francisco trabalhavam 50 homens a 25\$00. Reuniram e combinaram pedir 28\$00. O engenheiro recusou, os trabalhadores afirmaram que por menos não pegariam no trabalho. O engenheiro cedeu os 28\$00.

Numa outra estrada da mesma região, 60 trabalhadores exigiram também 28\$00. Não os conseguindo, fizeram um abaixo assinado ao G. Civil exigindo os 28\$00. Este escreveu para um dos trabalhadores, mas ele não recebeu a carta. Esta foi parar às mãos do Presidente da Câmara de S. Tiago. Este foi ao serviço procurar saber quem era o trabalhador para quem se dirigia a carta, ninguém lhe disse quem era. O engenheiro foi chamado à Câmara. Aqui ter-lhe-iam dito que os lavradores não queriam que as jornas fossem aumentadas nas estradas, pois isso obrigá-los-ia a aumentar também. Os 60 trabalhadores declararam-se em greve. O engenheiro foi forçado a dar os 28\$00.

CASÉVEL—(C. Verde) um rancho que trabalhava na estrada, por conta da Câmara, de sol a sol, conquistou as 8 horas.

ALJUSTREL—Um rancho de mulheres que mondava à 8\$00 (meio dia) largou o trabalho como protesto pelo agrário lhe querer baixar a jorna para 7\$00. As 50 mulheres responderam Unidas: «Olhe, vá você mondá-lo» e foram-se todas embora.

Trabalhadores dos arrozais! Continuai com a realização de reuniões e a formação de novas Comissões. Unidos, e firmes e venceis!

Operários agrícolas de todo o Sul! Em frente pela realização de novas reuniões, pela formação de muitas Comissões de Unidade e pela luta unida e firme, por melhores salários e condições de trabalho!

TARJETAS

ABAIXO A GUERRA DE ANGOLA!

QUE REGRESSEM OS SOLDADOS!

Fora Salazar!

Abaixo o Fascismo!

Viva a Unidade dos

Operários Agrícolas!